

As vítimas da violência têm idade, classe social e cor.

Surpreendentemente a juventude é encarada como protagonista da violência no país. A inversão dos fatos assombra, sendo que na grande maioria das vezes é a Juventude vítima das violências.

“Como poderiam os oprimidos dar início à violência, se eles são o resultado de uma violência anterior?” (Paulo Freire).

Para além da violência física cometida pelo estado, muitas vezes contra a juventude e até mesmo contra o povo organizado, o racismo, o machismo, a homofobia, a discriminação com a juventude, são expressões da violência psicológica contra as ditas minorias, verdadeiras maiorias da sociedade que ainda são os principais alvos da discriminação e da segregação social: mulheres, negros, indígenas, homossexuais, empobrecidos e jovens.

O racismo, por exemplo, é encarado como fato superado, pelo senso comum e propagado desta forma pela grande mídia. Será mesmo que foi superado? A realidade das universidades comparada à realidade dos presídios, não seria o racismo materializado? O fato é que a discriminação social e racial transcendeu os muros ideológicos, agora é coisa concreta: a discriminação com a cor da pele e a etnia dividem objetivamente a sociedade, tornando os presídios cada vez mais pobres e mais negros, e as universidades, mais brancas e mais ricas, por exemplo.

“Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado”.

A democracia é mais civilizada que a ditadura porque todos – do presidente à menina de rua – deveriam ter seus direitos assegurados. Mas o que assegura a democracia integral hoje? Será mesmo que o momento histórico no qual vivemos superou de fato a ditadura ou substituiu a militar por uma outra que segue negando os direitos e assegurando apenas a supremacia do capital sobre a vida?

A nossa história está marcada pela violência dos poderosos contra os mais fracos, por isso ainda reflete o extermínio. Ela se inicia com o massacre de índios, com a exploração da mulher pelo homem, com a escravidão dos e das negras, concebidos todos e todas como coisa, não gente.

Em uma década (1993 a 2002), assistimos ao aumento de 88,6% de morte de jovens. Segundo Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros - 2008, entre 1996 e 2006 o índice de homicídios na população jovem teve um aumento de 31,3% enquanto na população total foi 20%.

A pobreza tem cor, e no Brasil ela é negra. São os jovens negros os que mais sofrem e são os mais vulneráveis do setor social. Os negros apresentam um índice de vitimização 73,1% superior aos brancos na população total e 85,3% superior na juventude.

A violência contra os povos indígenas ocorrida entre os anos de 2006 e 2007 aumentou mais de 60%, sendo a maioria jovens. A falta de demarcação das terras indígenas continua a ser o principal problema gerador de conflitos.

Sete milhões de jovens brasileiros, o dobro da população do Uruguai, não trabalham nem estudam.

Se verificarmos a faixa etária nos presídios brasileiros, como afirma a Pastoral Carcerária, vamos constatar que os presos são em geral jovens, pobres, analfabetos e negros. Entretanto, a CNBB, no Texto-Base da CF 2009, nos alerta para as injustiças geradas ao associar pobreza à violência, pois, vemos que ela se manifesta em todas as camadas sociais, porém, é a classe pobre que mais sofre discriminação, sobretudo os jovens que muitas vezes são rotulados como delinquentes, são excluídos e marginalizados.

A violência e insegurança pública estão relacionadas principalmente a negação dos direitos humanos.

Nossos jovens estão sendo exterminados dentro e fora dos presídios, “só no Distrito Federal, segundo dados do Ministério Público, entre 2003 e 2005, 178 jovens foram mortos enquanto cumpriam medida sócio educativa”. A realidade das penitenciárias brasileiras desumaniza as maiorias que não têm poder político ou

econômico que lhes assegure gozar de privilégios, ao invés de reabilitar, funcionam como escolas do crime e promovem a violência.

Vivemos numa época de crises e conflitos, entretanto, não são estes os causadores da insegurança que atinge a todos/as, mas o modo como às pessoas reagem às diferenças, a própria condição humana, a distância entre o “mundo das idéias e o mundo real”, a dificuldade em traçar e cumprir um projeto pessoal de vida, a inversão de valores característica de uma sociedade que tende a valorização das coisas e a “coisificação” da pessoa.

Diante deste contexto, os/as jovens são os mais vulneráveis, todavia, a juventude, negra, indígena, branca, mulher e homem, homo e heterossexual, trabalhadora e desempregada, estudante e sem escola/ universidade, é capaz de reverter a lógica da violência, da exclusão étnica e social. Ocupar os espaços, movimentar as cidades, o campo, as escolas, reivindicar direitos, organizar-se pra mudar, propor mudanças estruturais e urgentes, ideológicas e objetivas. Somente a própria juventude é capaz de combater as violências que a extermina.

Por acreditar nisso, as Pastorais da Juventude do Brasil – PJB está promovendo em todo o país, uma grande Campanha contra a violência e extermínio de jovens, em consonância com a Campanha da Fraternidade 2009 que propõe o debate sobre segurança pública. Todos/as são convocados a entrar nesta luta em defesa da vida!

Sugestões para desenvolver a Campanha:

- Trabalhar o conceito de violência em suas diversas formas: física, estrutural e simbólica, alargando o conceito que temos no senso comum;
- Incluir o tema da segurança pública, violência e extermínio de jovens no planejamento escolar, tornando-o eixo transversal;
- Fazer com que toda a comunidade escolar, ou pelo menos os conselhos escolares onde existirem, se envolvam nas discussões sobre juventude e violência, dando enfoque a violência vivenciada dentro dos muros de sua própria realidade, Se possível construir e implementar algumas propostas de intervenção.
- Promover seminários, oficinas e palestras durante a campanha Contra a violência e e Extermínio de Jovens (2009 e 2010), enfocando principalmente as causas do problema e apresentando possíveis soluções;
- Promover atividades lúdicas-recreativas com a temática, (deixando com que os/as jovens mostrem livremente sua visão e percepção desta problemática). Como por exemplo festival de música, poesia e teatro, gincanas, etc;
- Criar grupos de reflexão sobre a violência, articulando-os a outras redes de discussão;
- Incentivar pesquisas sobre os índices de violência no local e a partir daí, desenvolver a produção de textos que podem ser trabalhados na comunidade;
- Atuar com a perspectiva de mídia alternativa para divulgação dos trabalhos na linha da promoção dos direitos e cidadania, contra a violência e a favor da cultura da paz;
- Manifestar-se diante de todas as formas de violência com abaixo-assinados, faixas/cartazes/Out doors e passeatas, ;
- Trabalhar a Semana da Cidadania nas escolas;
- Incentivar o engajamento dos/as jovens em comissões de direitos humanos (onde existem) para acompanhar o tratamento das polícias com relação aos/as jovens detentos/as, delinquentes ou não. Onde não existem estas comissões, incentivar a criação das mesmas;
- Promover um amplo debate sobre a Redução da Maioridade Penal, fornecendo subsídios diversos a juventude estudantil, potencializando-a na tomada de posições, o que pode ser expandido para a população em geral.